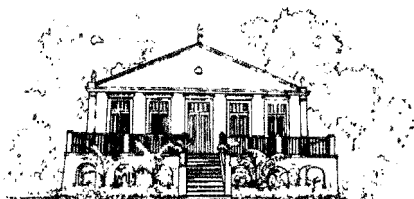


PR/SCT/CNPq
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

TALENTO E ATITUDE:
Estudos Biográficos do Museu
Emílio Goeldi, I.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Belém – Pará
Outubro 1989



PR/SCT/CNPq

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Presidente: José Sarney

SECRETARIA ESPECIAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Secretário: Décio Leal de Zagottis

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

Presidente: Crodowaldo Pavan

Vice-Presidente: José Duarte de Araújo

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Diretor: Guilherme M. de La Penha

Vice-Diretor de Pesquisas: José Guilherme Soares Maia

Vice-Diretor Executivo: Celso Martins Pinto

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO

Presidente: Guilherme M. de La Penha

Vice-Presidente: Adélia E. de O. Rodrigues

Apoio Editorial: Lais Zumero, Graça Overal e Lairson Costa

Cunha, Osvaldo Rodrigues da.

Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I/Osvaldo Rodrigues da Cunha. - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

160 p.: il. - (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

ISBN: 85-7098-031-2

1. PESQUISADORES-Biografia. 2. MUSEU PARAENSE
EMÍLIO GOELDI-Pesquisadores. I. Título.

CDD: 925

CDU: 929

© Direitos de cópia/Copyright 1989
por/by PR/SCT/CNPq Museu Goeldi

Agradecimentos

Em singelas palavras o autor faz questão de agradecer em princípio a atenção e o empenho que o diretor do Museu, Dr. Guilherme M. de La Penha, vem manifestando com grande interesse às pesquisas científicas específicas da instituição e aos respectivos estudos históricos, restaurando alguma parcela do passado e publicando trabalhos neste campo, a fim de que a memória de homens e

eventos não venha a desvanecer-se definitivamente. Agradecemos também a Lais Zumero, da Comissão de Editoração do Museu, pela revisão cuidadosa e paciente da parte literária e pelo veemente interesse que vêm demonstrando para que o presente trabalho fosse o quanto antes publicado e também por outros em vias de o serem.

Sumário

Apresentação	12
Prefácio	14
Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880)	20
Francisco da Silva Castro (1815-1899)	48
Edgar Leopold Layard (1824-1900)	54
Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888)	59
José Ferreira Cantão (1827-1893)	62
José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906)	65
Charles Frederick Hartt (1840-1878)	69
Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912)	77
Herbert Huntington Smith (1851-1919)	80
Maria Elizabeth Emflia Sneathlage (1868-1929)	83
Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946)	103
Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957)	122
Paul Vincent Ledoux (1898-1984)	138
Walter Alberto Egler (1924-1961)	150

Apresentação

Sonhar e observar, defender-se e buscar sobreviver, ensinar e educar, comunicar e informar, organizar e gerar conhecimentos são todas as ações e atitudes que se mesclam nos perfis da mulher e dos homens que o Pesquisador *Oswaldo Cunha* traça neste trabalho.

Toda nova geração adota novos padrões, novos líderes, novas crenças, novos mitos e enquanto fazem isso com entusiasmo acumulam, sem saber, experiência para vir a valorizar - ao chegar a fase de ceder sua vez - o trabalho daqueles que a antecederam. Infelizmente sempre se chega tarde à real história da ciência, mas felizmente nunca o suficientemente tarde para que dela não se possam tirar lições.

O *Museu Goeldi* atual é fruto das contribuições de dezenas de homens ao longo de doze décadas. *Oswaldo Cunha*, cientista respeitado, autodidata admirável, na madureza de sua carreira se dispõe a levar a cabo o projeto de buscar retratar as parcelas maiores na construção do todo hoje existente. Ele o faz não com o instrumental do historiador profissional, mas com o viés de um autor com experiência análoga a de seus retratados: a disciplina do trabalho científico, o cansaço da liça

pelo reconhecimento que nunca chega em vida, o treino no debate constante da ciência por sobreviver no ambiente hostil amazônico e brasileiro.

Dos sonhos e decepções do fundador *Ferreira Penna* à realidade e fatalidade de *Walter Egler*, *Oswaldo Cunha*, nesta primeira série, traça um perfil temporal de uma instituição ainda em continuada construção, sob a ameaça da adversa realidade sócio-econômica nacional.

Oswaldo Cunha orgulha duplamente o *Museu Goeldi*. De um lado por sua contínua e diversificada produção, desde a juventude, e que passa por quase todas as disciplinas de que se ocupa este *Museu*; de outro, por documentar a tradição de uma instituição que sempre buscou manter seu ideal filomático graças ao esforço, trabalho, zelo e competência daqueles aos quais nunca foi dada a oportunidade de decidir sobre os rumos da Amazônia; só o de trilhar suas sendas, desvendar parte de seus segredos, sonhar em seus mistérios e lamentar sua destruição.

6 de Outubro de 1989

Guilherme M. de La Penha
Diretor Geral
MPEG/CNPq/SCT

Prefácio

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição científica, artística e cultural é feita por homens e mulheres. O homem fez a História e a História fez o homem. A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das idéias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade, a vida de uma pessoa em particular e a sua manifestação na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia.

“Evidentemente, o conhecimento histórico é um conhecimento científico, ainda que sua exposição seja ao mesmo tempo uma arte”. Assim se expressou o historiógrafo espanhol Luiz Pericot Garcia (“El Estudio de La História” em *Enciclopedia Labor*, 1958 (5):XXI-XL), abordando o estudo do passado.

É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado. Este conceito é atribuído a Alexis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês. O caminho mais equilibrado para compreendermos os acontecimentos históricos, os en-

tendidos afirmam, é conhecendo e estudando a vida das pessoas que mais influenciaram o desenvolvimento dos acontecimentos. Por isso, a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época e tudo o que as personagens mais salientes daquele cenário contribuíram para o progresso ou retrocesso da sociedade humana.

Os estudos biográficos no Brasil, aliás tema de suma importância para o nosso país, jamais tomaram delineamentos científicos e históricos com encadeamento. Ocorrem apenas trabalhos esparsos, incompletos e sem precisão no tempo e no espaço, salvo algumas exceções no século passado como a antiga obra de Augusto Sacramento Blake (1827-1903), o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 7 volumes entre 1883 e 1902. No atual século apareceram alguns pequenos e grandes dicionários e enciclopédias com biografias-miniaturas de literatos, políticos, militares, artistas, médicos e profissões outras, além de tratarem de termos gerais de cunho interna-

cional e brasileiro.

A história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial. O primeiro trabalho importante sobre a história da ciência no Brasil foi publicado por uma equipe de pesquisadores, com certeza livro pioneiro, *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo e editado pelas Edições Melhoramentos, em dois volumes (S. Paulo, 1955), entretanto muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado, até a época da publicação do livro.

Mais recentemente foi publicada a *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário G. Ferri, já falecido, e Shozo Motoyama. É obra em três volumes, patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Editoras Pedagógica e Universitária Ltda. (São Paulo, 1979/1981), com colaboração da Universidade de S. Paulo. Com uma versão mais ampla e atualizada sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil que a anterior, pelo conjunto de matérias abordadas, este trabalho, no entanto, deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia. Sempre o mesmo defeito e mesma metodologia adotada: uma parte do Brasil, desgraçadamente, não conhece a maior porção do País, que é a Amazônia. Sofrem nesse caso principalmente a Zoologia, Botânica, Antropologia, História, Medicina, e disciplinas afins.

No Pará, até quase os dias atuais, a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lás-

tima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência, apenas mostrando a indiferença e o atraso em que o Estado tem vivido. É mais uma vergonha que um castigo. No século passado e no atual, quase nada se escreveu sobre este importante tema, muito pouco e esse mesmo fica desejar.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, a mais antiga instituição científica da Amazônia e uma das primeiras no Brasil, tem uma longa história de 123 anos e, no entanto, até 25 anos atrás, pouco ou nada existia escrito sobre ele. Dos cientistas que aqui trabalharam ou outros que emprestaram sua contribuição de alguma forma, nada se conhecia – a não ser algumas notas discrepantes e geralmente incorretas nas datas e na especialidade, apenas tratando de Emílio A. Goeldi e Jacques Huber.

Em 1938 o Diretor Carlos Estêvão de Oliveira publicou um “Resumo Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”, inserto na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro* (volume 2, páginas 7 a 19). Este trabalho tinha sido o melhor então realizado, infelizmente incompleto, cheio de lacunas e erros, que no final não informou e nem esclareceu questões que ficaram no vácuo. Carlos Estêvão, como Diretor do Museu, tinha condições para pesquisar mais profundo e redigir melhor, mas não o fez. Entretanto, uma contribuição mais correta e documentada foi apresentada por Hélio F. Camargo, antigo pesquisador do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade desse Estado (USP), com o título: “Pequena contribuição ao estudo da

História do Museu Paraense Emílio Goeldi” (*Ciência e Cultura*, 1951, volume 3, nº 1, páginas 61 a 68). O trabalho aborda aspectos da vida de Emílio Goeldi, Godofredo Hagemann, Jacques Huber e Emília Snethlage.

Finalmente, o centenário do Museu Paraense estava aproximando-se em 1966 e até então nada se sabia sobre os instantes de sua criação e nem sequer se conhecia o nome das pessoas que concorreram para esse memorável evento, exceto o de Domingos Ferreira Penna. Em vista disso, o autor do presente trabalho empreendeu no início dos anos 60 uma paciente pesquisa nos documentos dispersos aqui, ali e acolá em arquivos e bibliotecas, que tratassem ou informassem qualquer coisa sobre o Museu em geral e sobre as pessoas que nele trabalharam ou para ele emprestaram a sua prestimosa colaboração. Em 1966 uma sumária, correta e bem intencionada história do Museu Paraense Emílio Goeldi já estava elaborada e publicada no jornal “A Província do Pará”. Daí aos dias presentes, procuramos sempre ampliar o leque da pesquisa histórica desta instituição, acrescentando informações e esclarecendo períodos obscuros e descobrindo dados particulares com minúcias elucidativas e veracidade cristalina.

No decorrer das pesquisas sobre o passado do Museu, passamos a buscar informes exatos, tanto quanto possíveis, acerca das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da instituição desde suas origens. Em si, a parcela mais difícil, exaustiva e demorada da história do Museu, porque as pessoas de origem estrangeira que nele trabalharam ou para ele contribuíram, tiveram de certa forma notas de óbito à época do faleci-

mento em revistas alemãs, inglesas, norte-americanas e outras, nem sempre acessíveis no Pará. Quanto aos brasileiros, também existia certa dificuldade, em vista das informações sobre estas pessoas que às vezes não eram encontradas, outras apareciam apenas em notas do dia do falecimento publicadas em jornais de Belém no século passado ou no atual. Algumas pequenas biografias de certas pessoas mais importantes encontram-se em livros, dicionários, enciclopédias ou determinadas revistas científicas, culturais e de caráter geral. A maioria dessas biografias são incompletas, discordantes em datas e eventos e nem sempre ligaram o indivíduo ao convívio do Museu Paraense.

Nos últimos vinte anos o Dr. Ricardo Borges (1886-1975), nascido na Bahia, advogado, economista e conhecedor dos problemas da Amazônia, onde viveu 66 anos no Pará, ficou chocado pela deficiência de biografias das personagens relevantes à história do Estado. Foi induzido então a escrever sobre a vida dos homens que fizeram essa história. Um trabalho abnegado o do Dr. Ricardo Borges, que resultou na publicação do livro *Vultos Notáveis do Pará*, editado em 1970 pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará e republicado em segunda e ampliada edição em 1986 pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará (CEJUP), em comemoração do seu centenário. Sem dúvida, é o melhor livro de biografias que se publicou no Pará, não tanto pelo número de biografados, como pelas informações históricas de diversas épocas nelas contidas. Entretanto, está longe de ser completa. Além de conter incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, na-

turalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros, a obra de Ricardo Borges não preenche o vácuo da história da ciência no Pará e nem relembra aqueles sábios que aqui lutaram contra a ignorância, pois aí se encontram menos de dez nomes, assim mesmo com notas sumárias e algumas incorreções de datas.

Por fim, para não fazermos injustiças, referiremos o esforço realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em promover o "Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia no Pará", nos dias de 17 a 21 de junho de 1985 no qual foram abordadas as instituições, a UFPA e temas científicos por vários professores e pesquisadores. O Museu Paraense foi representado pelo ex-Diretor, Dr. José Seixas Lourenço, o qual apresentou um sumário histórico e as suas linhas de atividades até então. Os trabalhos foram publicados pela UFPA em 1985, em dois volumes, com o título *Anais do Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia*. As anotações de José Seixas Lourenço se encontram no segundo volume, nas páginas 447 a 460. Também inserimos aqui o recente trabalho "Médicos de outrora no Pará", do Dr. Clóvis Meira, médico e professor universitário, publicado em Belém em 1986 com 479 páginas.

As biografias que apresentamos aqui são o resultado de nossas pesquisas durante os últimos trinta anos, algumas foram publicadas em jornais, revistas e livros em Belém e o restante inédito. Foram elaboradas em épocas diversas de modo que tiveram de passar por rigorosa revisão de texto e atualizadas. Este trabalho engloba quatorze estudos biográficos,

dos quais alguns mereceram uma atenção especial e, portanto, contêm um aprofundamento de informações mais minuciosas de acordo com a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo. Esse conceito vale também em relação ao Pará e extensivamente ao Brasil.

No conjunto geral, já temos uma lista de algumas 70 pessoas, na qual se incluem as quatorze agora apresentadas, que em nossa opinião merecem ser biografadas, em maior ou menor amplitude, conforme a sua importância e contribuição que deram nos termos acima referidos. O presente livro faz parte de uma série de biografias, que deverão ser publicadas em futuro próximo, e desde já podemos dizer que o segundo volume poderá ser redigido pelo autor. Daí para diante, outros pesquisadores, habilitados e com a necessária paciência, poderão completar as biografias e outras que por ventura venham a aparecer no futuro. A nossa tarefa tão cheia de dificuldades foi iniciada e cumprida, não no todo como sempre desejamos, mas parcialmente. Resta muito ainda por fazer, principalmente no que diz respeito à história geral do Museu Paraense e para tanto já redigimos históricos sobre a Zoologia, Geociências, Biblioteca, Parque Zoo-Botânico e assuntos correlatos. A pesquisa meteorológica foi resgatada no trabalho de Osvaldo Cunha e Therezinha Xavier Bastos em *A Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Meteorologia na Amazônia (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 23, 86 páginas, 1973)*.

Com essas contribuições tão exatas quanto reais, é nossa esperança que possamos ajudar aos que nada sabem sobre o Museu Paraense a conhecê-lo melhor, a fim de que em dias vindouros ele venha a ser mais decisivamente auxiliado, amparado e preservado como um santuário ina-

lienável e resguardado da inépcia de más pessoas, para que o seu futuro seja tranquilo e a ciência que nele se pratica reverta em benefício às gerações futuras, engrandecendo, assim, o Pará, a Amazônia e o Brasil.

Oswaldo Rodrigues da Cunha



Walter Alberto Egler

(1924-1961)

Nasceu o Dr. Walter Egler a 24 de novembro de 1924 no elegante bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Era o quarto e último filho da família, e por isso mesmo o mais estimado por seus pais. O Sr. Frederico Egler, seu pai, alemão de origem, casou-se na França com a senhora Izabel Egler, natural desse país, emigrando logo depois de 1918 para o Brasil, trazendo em companhia já três filhos. A família Egler se radicou definitivamente no Rio de Janeiro, no citado bairro de Santa Teresa. Ali decorreu calma e normalmente a vida do pequeno Egler. A sua infância foi feliz como a de qualquer garoto de sua idade, salientando-se apenas pelo seu temperamento calmo e introvertido. Não se expandia como os outros meninos, irmãos e vizinhos, nas brincadeiras próprias da infância. Tolerava os folguedos infantis até certo limite, descartando-se logo de todos, quando pudesse, para dedicar-se mais ao estudo. Desde tenra idade nutria acalentado pendor para as coisas da natureza, encontrando nela aquela satisfação própria que lhe incentiva-

va mais o gosto de viver. O pai, percebendo cedo essa dedicação do filho, ajudava-o e incentivava-o no que pudesse, pois previa que algo de notável vinha plasmando-se gradativamente no cérebro daquele rapazi-nho.

O Sr. Frederico era um homem ativo, dinâmico e desejava que os filhos com ele se parecessem. Para tanto procurou, logo, moldar-lhes a educação, com salutareos hábitos para a luta pela vida. O Sr. Frederico, como costumava afirmar, gostava imensamente do contato direto com a natureza, e programava constantemente longos passeios e excursões pelos morros e serras dos arredores do Rio de Janeiro. Levava sempre consigo o pequeno Walter, que nessas ocasiões exultava de contentamento. Costumavam escalar o Corcovado, o Pão de Açúcar, e outras elevações do Rio. Excursionavam pelas matas da Tijuca e serra dos Órgãos, tendo, então, Walter oportunidade de apreciar e sentir, de perto, o famoso pico "Dedo de Deus", obra escultural da natureza. Tiveram ocasião, muitas vezes, de visitar as lindas

idades serranas de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo.

Chegada a idade escolar o pai fez o pequeno Walter ingressar no Ginásio Cruzeiro, situado próximo à praça da República, no Rio de Janeiro, educandário que tinha a orientação de alemães. Af realizou todo o seu curso primário, demonstrando sempre vocação e gosto para os livros. Logo a seguir, o Sr. Frederico, por motivos particulares, trasladou-se para a aprazível cidade de Petrópolis, onde fixou residência, estabelecendo-se com uma fábrica especializada em artigos de óptica. Walter fez os preparativos para o curso de Admissão, com ótimos exames, ingressando imediatamente no Colégio Ferreira Pinto. Realizou, após os três anos do Curso Científico, que o habilitaram convenientemente para o curso de Agronomia, realizado na Escola Nacional de Agronomia, no então Distrito Federal. Com sólida formação técnico-científica, diplomou-se em 1948 Engenheiro Agrônomo, concluindo assim a primeira etapa de uma brilhante carreira científica, que lhe abria amplos horizontes para o futuro.

O Dr. Walter Egler demonstrou desde muito jovem predicados particulares, que o faziam distinguir dos irmãos e mesmo dos colegas. Possuía inata habilidade para certas coisas que necessitavam conhecimento, paciência, calma e vontade própria. Nos momentos de folga trabalhava na Fábrica de Óptica de seu pai, onde aprendeu com ele e com os operários especializados todo "métier" próprio na fabricação de lentes e material óptico em geral. Neste trabalho dedicado que requer conhecimentos técnicos e práticos, sempre se distinguia satisfatoriamente, dando

por isso imensa alegria ao pai.

Possuía o Dr. Walter Egler um gênio calmo, pacato. Sua índole era boa e gostava de ajudar a todos, principalmente os pobres. Mostrava-se muito reservado nas atitudes, procurando resolver as coisas do melhor modo possível. Falava pouco, evitando reuniões ou agrupamentos de pessoas que não fossem de seu círculo de atividades. Possuía, enfim, um estilo próprio que o caracterizava entre os demais, salientando-se pela sua atividade dinâmica, não dando oportunidade ao lazer. Gostava do trabalho, não apenas mental, mas também do braçal. Parece que apreciava a solidão. Gostava de pensar primeiramente antes de realizar qualquer atividade séria. Apesar de tudo estava sempre à disposição de quem dele precisasse, em qualquer momento. Não tinha jeito para negar o que quer que fosse. Era magnânimo e liberal.

O Dr. Walter Egler era de grande estatura, cerca de 1 metro e 95, forte, vigoroso e resistente. Sua altura impunha respeito aos circunstantes, embora dela nunca se tivesse aproveitado para agredir quem quer que fosse. Tinha um caráter todo especial. Não apreciava festas nem folguedos, mesmo quando jovem. Preferia estar só, isolado, com seus livros e suas plantas. Gostava imensamente de realizar viagens para pesquisas, mantendo o mais possível um contato íntimo com a natureza.

Quando ainda estudava na Escola de Agronomia, freqüentava constantemente as seções de pesquisas do Jardim Botânico e do Museu Nacional do Rio, onde colhia dados e se entrosava mais com os métodos de estudo da Botânica, aperfeiçoando assim os seus conhecimentos sobre

essa ciência. Tinha predileção pelas Ciências Naturais, salientando-se desde logo o seu pendor especial pela ciência das plantas, a ciência de Linneu. Quando já adulto e formado, a Botânica ocupou sempre a maior parte de seus últimos tempos de vida.

Além da vocação pelos estudos fitológicos, o Dr. Walter, ainda jovem, mostrou grande interesse pela geografia do Brasil, abordando vários assuntos dessa especialidade, notadamente os relacionados com a vida agrária do país. Antes de se diplomar em agronomia, foi, em 1947, admitido como Geógrafo-auxiliar, estagiário no antigo Conselho Nacional de Geografia. Nesse departamento especializado, teve Egler mais contato com as pesquisas e os problemas de geografia do Brasil. Naquele mesmo ano, foi posto à disposição da Comissão de estudos para localização da Nova Capital do país. Como Walter Egler tinha gosto por viagens e excursões com objetivo de estudos, já em 1947 realizou duas delas, sendo uma à Chapada Diamantina, parte Central de Minas Gerais, e a outra ao Planalto Central do Brasil, abrangendo parte de Minas Gerais, percorrendo o centro-oeste do Estado. Em 1948 percorreu a zona vinícola do Rio Grande do Sul e parte da Campanha. Daí em diante o Dr. Walter não parou mais de viajar e excursionar, sempre estudando os problemas geográficos e botânicos do Brasil.

Em 1951 foi designado para exercer a chefia da Seção Regional Sul, demorando-se nesta função pouco mais de um ano, pois em 1952 foi nomeado para o cargo de Naturalista-auxiliar interino, lotado no Museu Nacional. Nessa vetusta ins-

tituição científica, o Dr. Egler trabalhou na Divisão de Botânica, durante um ano, quando iniciou um entrosamento mais direto com esta Ciência. A permanência no Museu Nacional decidiu de vez o caminho que haveria de trilhar até os seus últimos dias. Ainda em 1952, foi nomeado para o cargo efetivo, através de concurso, para exercer a função de Naturalista do Quadro Permanente do Ministério da Agricultura, lotado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Nessa instituição, a mais antiga do Brasil, deveria fixar a sua carreira como botânico, uma vez que atingia o ponto culminante de sua vocação. Contudo, assim não aconteceu. O Sr. Egler ainda dispunha de nove anos, para produzir muito mais do que até então havia feito. Fatos importantes haveriam ainda de se processar neste espaço de tempo.

Muitas excursões e viagens foram realizadas a partir de 1948, em busca de observações, dados e material necessário para as pesquisas que mais interesse lhe despertavam. Em 1948 percorreu o Vale do Rio São Francisco, através do sertão de Pernambuco, Bahia e parte de Alagoas. Em 1949 fez estudos nos Campos Gerais do Paraná, parte central de Santa Catarina e região serrana do Rio Grande do Sul. Nesse mesmo ano viajou pelo interior do Estado do Rio de Janeiro, zona serrana colonial do Espírito Santo e norte do Rio Doce.

Viajou, em 1950, pelo noroeste do Rio Grande do Sul, extremo-oeste de Santa Catarina, Paraná e Alta Sorocabana do Estado de São Paulo. Percorreu a Serra do Mar e vale do médio rio Paraíba, em 1952. Nesse mesmo ano viajou através do

sertão da Bahia, Recôncavo, região Cacaueira e zona Litigiosa entre Minas Gerais e Espírito Santo. Ainda em 1952, excursionou à serra do Cipó e à Lagoa Santa, em Minas Gerais.

Dedicando-se exclusivamente à Botânica realizou, em 1953, uma excursão com coleta de plantas, para estudos, na região de Corumbá e pantanal de Mato Grosso. Em 1954 coletou material botânico na serra de Itatiaia, no Estado do Rio. Nesse ano também viajou, colhendo plantas para estudos, ao Estado de Pernambuco, percorrendo o litoral sul e o sertão do rio São Francisco, área de Paulo Afonso. Voltou a esse Estado em 1955, percorrendo ainda a Paraíba, cruzando-os de leste a oeste. Finalmente ainda nesse mesmo ano, excursionou novamente pelo Estado da Bahia, percorrendo a zona cacaueira, Recôncavo, e todo o sertão influenciado pela cachoeira de Paulo Afonso. Foi o Dr. Walter Egler encerrou com chave de ouro a primeira etapa da sua vida. Casou-se em 1949 com Eugênia Gonçalves Egler, distinta senhora que soube resignadamente compreender o marido em todas as horas de trabalho, angústia e alegria, pois conhecia bem a profissão por ele abraçada. D. Eugênia, ainda nova, fizera carreira como geógrafa do Conselho Nacional de Geografia.

Desse casamento, nasceram quatro filhos, dos quais três rapazes. Na ocasião do falecimento do pai, em 1961, o mais velho tinha 10 anos de idade e a menina 3. A filha, Sílvia Gonçalves Egler, nasceu em Belém, Pará, no dia 17 de janeiro de 1958. Após a morte do pai, a família retornou ao Rio de Janeiro, em fins de 1961. Sílvia formou-se em Biologia, modalidade Ecologia, pelo Instituto

de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1979. Em 1981 fez o mestrado em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista de iniciação científica para estudo de mamíferos no Museu Nacional do Rio, depois no INPA de Manaus, estagiou algum tempo no Departamento de Zoologia do Museu Goeldi, efetuando estudos sobre Primatas, com Bolsa Especial do CNPq. Embora não tenha tido influência científica direta do pai, Sílvia Egler está decidida a trilhar o caminho interrompido por ele, para dedicar-se à pesquisa na Amazônia.

No ano de 1955 o Dr. Egler foi posto à disposição do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), para dirigir o Museu Paraense Emílio Goeldi, o qual, em 6 de abril havia passado para a esfera federal, através de um convênio entre o governo do Pará e aquela entidade governamental. Egler assumiu a direção no dia 19 de setembro daquele ano, substituindo então o Dr. José Cândido de Melo Carvalho, segundo Diretor nessa nova fase. Egler logo inteirou-se dos fatos e problemas urgentes que afligiam a instituição, sob todos os aspectos. Tal distinção, pode-se dizer, foi a sua maior satisfação, pois o colocaria em contato direto com a Amazônia, sentindo-a mais de perto e entrosando-se perfeitamente com a vida da região.

Na direção do Museu, o Dr. Walter Egler, desde o início, tentou soerguer a instituição para colocá-la no lugar que outrora ocupara. Dedicou-se com apego à obra de recuperação do Museu, trabalhando e esforçando-se para que tudo se realizasse a contento. Aparelhou as divisões científicas, na medida das necessidades, de acordo com o pessoal

técnico que nelas desempenhava suas funções. Esforçou-se pela vinda de técnicos ao Museu, que era um dos grandes problemas com que se deparava a instituição. Programou e auxiliou viagens de estudos e excursões, a serem realizadas pelos pesquisadores do Museu, por várias regiões da Amazônia. A valiosa Biblioteca do Museu também passou por reforma total, com modernas estantes e outros melhoramentos úteis. O mesmo sucedeu em 1956, com o antigo Pavilhão Central de Exposições (hoje denominado Domingos Ferreira Penna), que foi radicalmente recuperado, com a reforma das suas salas de exposições, todas modernizadas, de acordo com a técnica adequada à museologia. A reforma nesse pavilhão continuou, constantemente, procurando-se melhorar a aparência e disposição das vitrinas e dos objetos que ficariam expostos. O Diretor procurou manter em constante recuperação, sempre de acordo com as possibilidades orçamentárias, prédios, gaiolas e outros ornamentos do Parque Zoo-Botânico.

O Dr. Walter Egler era cientista, e com esse propósito viveu e morreu para a ciência. Não era um administrador, como o exige o Museu Paraense Emílio Goeldi, com grandes problemas a resolver. Por isso, se percebiam em sua gerência certas falhas, embora tivesse dado o máximo de seus esforços para bem desempenhar tão árdua missão. Os funcionários do Museu, em geral, consideravam-no uma boa pessoa, estando sempre à disposição dos mesmos para os ajudar na medida do possível. Não era exigente, nem perseguiu quem quer que fosse. Em compensação não gostava de muita

conversa, evitando-a mesmo, procurando não entrar em considerações desnecessárias. Apesar de Diretor de uma instituição, dispensava protocolos e etiquetas supérfluas, atendendo em qualquer lugar e em qualquer momento, toda e qualquer pessoa, fossem funcionários ou estranhos.

Durante seis anos dirigiu o Museu, mostrando sempre dedicação ao trabalho e ao estudo. Teve momentos de sérias atribuições e dificuldades, porém enfrentou-as com abnegação, fazendo o possível para transpô-las. Nem sempre foi bem sucedido, situação que o deixava bastante acabrunhado e triste. Resultantes disso, vários problemas quedaram-se irresolvíveis, desencorajando-o muito. O Dr. Walter Egler, envolvido nessa teia difícil da administração, muito sofria, assim nos parecia. Amargurado, quedava-se pensativo quando se retirava para sua casa. Acumulava duas funções simultâneas, a de Diretor e a de chefe da Divisão de Botânica. Durante o dia passava assoberbado com os problemas administrativos, examinando o Parque Zoológico, as divisões técnicas, além da burocracia na diretoria. À noite, enclausurava-se no seu gabinete de pesquisas na Divisão de Botânica, ocasião em que encontrava momentos para estudar com satisfação os assuntos de sua especialidade. Não havia tempo a perder, pois este era demasiadamente escasso e efêmero. A administração do Museu consumia bastante as energias do Dr. Egler. Ele chegou a essa instituição com a fisionomia de um moço, jovial, de aspecto geral conservado. Mais tarde percebia-se perfeitamente que havia envelhecido bastante, tanto que seus cabelos embranqueceram.

Nessa nova fase de sua car-

reira científica, encontrou momentos para se por mais em contato com a natureza, estudá-la mais devidamente, enfronhando-se melhor no elemento florístico, observando as plantas que tanto enchiam a sua vida de satisfação. Programou, de início, várias excursões, principalmente no Estado do Pará e no antigo Território do Amapá. Sem perda de tempo, realizou, em 1956, uma excursão à região do Salgado, parte litorânea do leste do Pará. Em 1957, percorreu os campos do Ariramba e rio Trombetas, coletando material botânico. Durante o ano de 1958, realizou excursões pela estrada Belém-Brasília, então em fase de construção, em reconhecimento e observação para futuros estudos; perlustrou também a região limítrofe entre a floresta amazônica (hiléia) e as formações de transição (cerrado) do Maranhão, em companhia do prof. André Aubreville; excursionou ainda através os campos da Vigia, litoral leste do Pará. Em 1959, realizou três excursões, sendo uma ao rio Cururu, alto Tapajós, para exploração botânica e levantamento de dados sobre os campos; estudou novamente os campos da Vigia, e visitou outra vez a estrada Belém-Brasília. Com maior intensidade programou excursões durante o ano de 1960, realizando seis viagens, assim relacionadas: uma ao rio Cururu, alto Tapajós; outra à estrada Belém-Brasília; depois percorreu a região de Marudá, no município de Marapanim, realizando reconhecimentos preliminares dos campos de Bacuriteua (leste do Estado); coletou material botânico pelas cidades de Marituba, Castanhal (zona Bragantina) e São Miguel do Guamá; por último atravessou e estudou o lago Arari, na ilha de Marajó, em com-

panhia do Dr. H.D. Schwassamnn e do Dr. Hiko-Ichi Oka, para examinar o arroz nativo da região. Finalmente, durante o ano de 1961, realizou quatro grandes excursões, cada vez demonstrando maior atividade tanto nas explorações do meio ambiente e coleta de plantas, como em seu gabinete de pesquisas no Museu. Assim é que, logo nos primeiros dias do ano, voltou ao lago Arari, em Marajó, para coletar material limnológico e plantas aquáticas; após, viajou ao antigo Território do Amapá visitando o Porto de Santana e Serra do Navio, em companhia dos profs. André Aubreville, Jean Hoock e de William Rodrigues. Coletaram e estudaram bastante material botânico; depois, em companhia dos mesmos pesquisadores, visitou de novo os campos da Vigia. Finalmente, em 20 de julho seguiu viagem para o Jari, em companhia do Dr. Irwing Howard, para dar cumprimento a um grande plano de exploração da flora com a colaboração do New York Botanical Garden, o Museu de História Natural de Paris, o antigo Instituto Agrônômico do Norte (hoje EMBRAPA) e o Museu Emílio Goeldi. Esse plano de trabalho consistia no levantamento completo da capa florística de toda a região do Pará, ao norte do rio Amazonas. Essa viagem se compunha de cerca de 12 homens, chefiados pelo Dr. Walter Egler e pelo Dr. Irwing Howard, completamente equipados com material para estudos e com produtos alimentícios para uma duração de três meses de trabalho. Já haviam subido mais de 30 corredeiras, saltos e cachoeiras do rio Jari, com grandes sacrifícios e muito esforço, imbuídos de grande alegria e emoção pelo trabalho que desenvolviam para a ciência. No dia 28 de agosto, depararam com as perigosas e imponentes ca-

choeiras denominadas "Macacuara", compostas de várias altas quedas situadas em estreitas gargantas. Transpuseram-nas através do solo elevado lateralmente, e foram iniciar a viagem rio acima das cachoeiras, em duas grandes canoas, providas de motores de popa, no momento preciso, o motor da canoa do Dr. Egler parou de vez, deixando a embarcação em perigo, desgovernada e sendo violentamente arrastada pela correnteza, cachoeira abaixo, de uma altura de cerca de 20 metros. Tudo fizeram, tanto o diretor do Museu como os homens que ali se encontravam, sendo, infelizmente, baldados os esforços. Dentro da canoa se despençou o Dr. Walter Egler e mais dois homens, perecendo aquele por infelicidade, tragicamente, conseguindo os outros safar-se com vida, embora bastante batidos. O cadáver do inditoso cientista surgiu boiando na água dois dias após, na margem do rio, 5 quilômetros abaixo das cachoeiras fatídicas. Logo que foi encontrado, naquela natureza agreste e bravia, enterraram-no, comovidamente, o Dr. Irwing Howard e o restante dos companheiros. Uma toca cruz de madeira marcou o local onde repousa, até hoje, os restos mortais do cientista que morreu por bem querer a Amazônia. Foi rápida a sua carreira científica, curta a sua vida, deixando grandemente abalada a família e tristes os funcionários do Museu e os amigos.

Faremos agora um comentário acerca das atividades científicas do Dr. Walter Egler. Consideraremos as suas atividades científicas divididas em duas fases distintas, assim discriminadas: primeira fase, a partir de 1947 até 1952, caracterizou-se distintamente como geógrafo do en-

tão Conselho Nacional de Geografia, tendo a oportunidade de mostrar o gosto por essa ciência e demonstrar o seu saber no desempenho de tão importante função. De 1948 a 1950 foi discípulo e assistente do grande geógrafo alemão Leo Waibel, então conhecido mundialmente pelos seus trabalhos. Leo Waibel é um nome que merece menção toda especial, pois traçou novos rumos e novas interpretações no campo moderno da Geografia. Esteve no Brasil de 1946 a 1950, realizando cursos e importantes pesquisas, juntamente com outros geógrafos e alguns de seus assistentes, entre os quais o Dr. Egler. Foram encarregados de realizar estudos para localização da nova capital, em 1947 e 1948.

Como geógrafo, o Dr. Egler sentiu perfeitamente a missão que tinha a realizar, para bem desempenhar sua função. Os trabalhos publicados sobre essa matéria, atestam perfeitamente essa afirmação. Em seus trabalhos nota-se muito bem a sua opinião e os métodos que empregou em suas pesquisas, com influência profunda recebida do mestre Leo Waibel.

Os ensinamentos deste refletiram magnificamente na obra geográfica do Dr. Walter Egler. Nesse sentido os seus trabalhos versam principalmente sobre a geografia agrária regional e a colonização. Citaremos alguns de seus trabalhos exclusivamente sobre assuntos geográficos:

1949. A colonização ao Norte da Argentina e Sudoeste do Paraguai. *Bol. Geogr.*, 7(81):931-941.

1950. Aspectos gerais da cultura do cacau nos municípios de Ilhéus e Itabuna. *Relatô-*

- rio Inédito. Conselho Nacional de Geografia.
1951. A zona pioneira ao norte do Rio Doce. *Rev. Bras. Geogr.* 12 (2):223; 1961, *Bol. Geogr.* 19(165):772-782.
1951. Contribuição ao estudo da Caatinga pernambucana. *Rev. Bras. Geogr.*, 13(4):577-590.
1951. A orientação geográfica na colonização oficial no Estado da Bahia. *Bol. Geogr.*, 9(97):60-62.
1952. Aspectos gerais da cultura do fumo na região do Recôncavo Baiano. *Bol. Geogr.*, 10(3):679-688.
1953. Aspectos geográficos da cultura do cacau na Bahia. *Bol. Carioca Geogr.*, 6(1-2):25-32.
1955. O uso da terra na Bacia do Paraná-Uruguai. Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai. São Paulo. v.l. p. 274-285, il.
1957. O Agreste e os Brejos. *Bol. Geogr.*, 15(138):294-306.
1957. O Sertão da Paraíba. *Bol. Geogr.*, 15(149):598-602.

Além destes trabalhos originais, realizou ainda traduções de trabalhos de pesquisadores alemães, principalmente de Leo Waibel, que se relacionam com a geografia do Brasil.

A segunda fase, iniciada em 1952 indo até a data do trágico desaparecimento do Dr. Egler, foi exclusivamente dedicada à Botânica sob vários aspectos, como o ecológico, sistemático, fitofisionômico, fitogeográfico, etc. Como já explanamos a

Botânica era realmente a ciência que o absorvia inteiramente e na qual se achava bastante à vontade para realizar pesquisas mais profundas. Naturalmente, sua formação com respeito a esta matéria foi adquirida no curso de Agronomia, e pela vocação que a ela dedicava pôde facilmente aprofundar-se e especializar-se principalmente quando foi nomeado naturalista-auxiliar no Museu Nacional, função que lhe definiu o caminho a seguir dentro das Ciências Naturais. Logo depois, através de brilhante concurso, foi exercer o cargo de naturalista do quadro permanente no Jardim Botânico. Nesta instituição dedicou-se exclusivamente à Botânica com carinho e pertinácia, ao mesmo tempo que excursionava para estudar a flora em seu habitat.

Quando foi transferido para o Museu Emílio Goeldi, sua atividade recrudescceu em torno da Botânica, embora a função administrativa lhe tivesse roubado o tempo de que necessitava. Mesmo assim, pôde realizar algo que o deixará inesquecível nos anais do Museu. A então Divisão de Botânica recebeu dele um carinho todo especial, organizando, com seus auxiliares e assistentes, um herbário modelo no Brasil. As coleções de plantas perfeitamente conservadas e classificadas eram então guardadas em prateleiras adequadas, em salão com ar refrigerado para evitar a ruína dos espécimes (exsicatas) pelo mofo e pelos insetos daninhos. Fichários completavam o conjunto bem organizado desta ativa Divisão científica.

O Dr. Walter Egler possuía cultura geral, com sólida formação científica, que o faziam apto para o trabalho cuidadoso da ciência. Seu conhecimento de idiomas era ex-

traordinário, pois sabia falar e escrever o alemão, o inglês, o francês, o espanhol e o português. O Dr. Egler trabalhou e viveu sem alarde, sem orgulho e sem fantasia. Viveu a sua vida em um gabinete de pesquisas ou no convívio com a natureza grandiosa.

O seu principal auxiliar científico e continuador de sua obra, como o próprio Walter Egler já era o digno continuador de J. Huber (morto em 1914) e Adolpho Ducke (morto em 1957), tornara-se o Dr. Paulo Bezerra Cavalcante, que sem medir esforços transformou o velho Herbário do Museu Emílio Goeldi, durante sua chefia de 25 anos, que em 1961 possuía cerca de 20.000 exsiccatas, alcançou depois mais de 100.000. Atualmente aí estão conservadas cerca de 130.000 amostras de plantas secas.

Trabalhos de Botânica

1960. Contribuições ao conhecimento dos campos da Amazônia. I. Os Campos do Ariramba. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova sér. Bot.*, 4: 36.
1961. EGLER, W.A. & PIRES, J.M. Notas sobre a redescoberta de *Hevea camporum* Ducke. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova sér. Bot.*, 13: 1-6.
1961. O gênero *Gleasonia* (Rubiaceae) na Amazônia. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova sér. bot.*, 14: 1-7.

1962. EGLER, W.A. & SCHWASSMANN, H.D. Limnological studies in the Amazon estuary. *Publ. Avul. Mus. Para. Emílio Goeldi*, (1/2): 2-5.

1963. DUCKE, Adolpho. Traços biográficos, viagens e trabalhos. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova sér. Bot.*, 18: 5-129 (este trabalho foi concluído após a morte, pelo pesquisador Paulo Cavalcante, então assistente do Dr. W. Egler).

1964. EGLER, W.A. & SCHWASSMANN, H.D. Limnological studies in the Amazon estuary. *Bol. Geogr.*, 22 (180): 287-298.

Fontes de Consulta

1960. Dr. Walter A. Egler. *Curriculum Vitae*.
1961. Informações pessoais prestadas pela esposa do falecido e seus pais, à época do acidente com Walter Egler.
1961. CUNHA, O. R. da. Esboço biográfico de um cientista: Walter Egler. *Jornal A Província do Pará*, 17 set.
1865. MAGNANINI, A. Vultos da Geografia do Brasil. Walter Alberto Egler. *Rev. Bras. Geogr.* (4): 571-572, il.